



“PERTENÇA COMUNITÁRIA É UM DOS MAIORES BENEFÍCIOS”

Helena Presas, da Pastoral da Saúde da paróquia do Campo Grande, afirma ser precisa “muita criatividade” para a construção da pertença comunitária junto das pessoas que “por qualquer razão de saúde, ficaram isoladas”. **pág.06**

Entrevista

FREEPIK.COM



POR UMA “CATEQUESE INCULTURADA”

Na Assembleia Diocesana de Catequistas, que decorreu online, o Cardeal-Patriarca de Lisboa convidou estes agentes a “conhecerem quem têm diante deles”, a “adaptarem-se aos diferentes auditórios” e a transmitirem o Evangelho de forma a que “as pessoas compreendam”. **pág.02**

Destaque

Apresentados os Terços JMJ Lisboa 2023 | **pág.05**

Semana de Oração pelas Vocações: jovem deixa testemunho | **pág.08**

Papa lembra que “a oração é o que abre a porta ao Espírito Santo” | **pág.09**

“A pandemia não terminou. Temos pela frente tempos difíceis”

Em tempo de desconfinamento, o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) lembrou que a pandemia do novo coronavírus não está ultrapassada. “A pandemia não terminou e todos os indicadores nacionais e internacionais mostram que temos pela frente tempos difíceis”, destacou D. José Ornelas, nas palavras de abertura da 200.ª Assembleia Plenária da CEP. Em Fátima, a 12 de abril, o prelado sublinhou que as vacinas “representam um grande feito científico e uma esperança para uma normalização da vida social e económica”, e desejou que “sejam um fator de coesão e real progresso e não venham agravar a discrepância entre pessoas e países com maior ou menor poder económico”. O presidente da CEP não esquece que a pandemia “expôs a vulnerabilidade dos que são económica e socialmente mais frágeis”, mas “também mostrou o esforço das instituições públicas e privadas para atender a quem precisa”. D. José Ornelas garantiu ainda que os bispos portugueses acompanham, “muito de perto”, dramas como os “desastres naturais, como recentemente em Timor”, e as “situações de terrorismo e de guerra, presentes em várias partes do mundo, concretamente na província de Cabo Delgado em Moçambique”.

Patriarcado abre inscrições para Congresso da Pastoral Sócio-Caritativa

Os cardeais D. Manuel Clemente e D. José Tolentino de Mendonça vão participar no Congresso da Pastoral Sócio-Caritativa, organizado pelo Patriarcado de Lisboa, no dia 15 de maio, e cujas inscrições já estão abertas. Numa mensagem enviada ao clero e às instituições sociais da diocese, o Departamento da Pastoral Sócio-Caritativa revela que este encontro vai ter lugar no Centro Pastoral de Torres Vedras, estando prevista a participação presencial e também online, sendo que a inscrição, para qualquer uma das modalidades, é obrigatória e pode ser feita através do site do Patriarcado (www.patriarcado-lisboa.pt). Da parte da manhã, decorre a conferência ‘Caridade ontem, hoje e amanhã’, pelo cardeal Tolentino, e, no encerramento, a conferência ‘As periferias como lugar privilegiado da presença da Igreja’ vai ser proferida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente.

Assembleia Diocesana de Catequistas

“TODA A CATEQUESE É UM TRABALHO CULTURAL”

O Cardeal-Patriarca de Lisboa convidou os catequistas a terem “muito em conta” que “cada um de nós tem uma cultura”, e que “a catequese não acontece fora da cultura”. Na Assembleia Diocesana de Catequistas, que decorreu online, no dia 11 de abril, D. Manuel Clemente refletiu sobre a inculturação da fé e deixou pistas para “uma catequese inculturada”.

texto por Diogo Paiva Brandão

ASSEMBLEIA DIOCESANA
DE CATEQUISTAS 2021

11 ABRIL

Catequese e evangelização:
olhares sobre a pandemia



Na conferência ‘Catequese e evangelização, a inculturação da fé’, o Cardeal-Patriarca começou por se socorrer do capítulo 11 do ‘Diretório para a Catequese’ para sublinhar que “cada um de nós tem uma cultura”. “Inculturação quer dizer que cada um de nós transporta uma cultura, que tem a ver com o local onde nascemos, a língua que falamos, as ideias que nos foram transmitidas. Temos de ter isto muito em conta na catequese. Se a catequese é o eco de tudo quanto Jesus disse e fez, então temos que perceber que isso não acontece fora da cultura, da própria cultura em que Jesus foi criado e que Jesus transmite”, manifestou, neste encontro online organizado pelo Sector da Catequese de Lisboa, lembrando aos catequistas que, “na nossa Diocese de Lisboa, coabitam cerca de 100 nacionalidades, vindas de toda a parte do mundo”. “Por isso, temos que ter em conta que, nas nossas catequese, numa paróquia da nossa diocese, na cidade de Lisboa, mas também até Alcobaça, nós encontramos pessoas de culturas muito diferentes”, reforçou D. Manuel Clemente, destacando que “também Jesus se adaptava à cultura daquele povo”. “Para transmitir as verdades mais profundas acerca de Deus, acerca da misericórdia divina, acerca do outro como próximo,

Cristo não fala de maneira abstrata, fala com palavras, com ideias, com imagens que toda a gente compreendia: as suas famosas parábolas”, observou.

Fazer da catequese uma ação cultural

Nesta Assembleia Diocesana de Catequistas, que contou com mais de

500 inscritos, o Cardeal-Patriarca salientou que os catequistas precisam de “ter em conta” a quem se dirige a catequese. “Toda a nossa linguagem é cultural, só que estamos a transmitir o que Jesus Cristo nos trouxe – e a sua própria Pessoa – a pessoas que também têm sensibilidades, quadros mentais, experiências coletivas, oriun-

das de povos diversos. Portanto, tudo muito diferente. Temos que ter isso em conta. Por isso, toda a evangelização, e a catequese, é um trabalho cultural. Temos que ter aquela atenção que Jesus tinha aos seus auditórios”, apontou, dando ainda “o exemplo de São Paulo, que se adaptava ao auditório” e “fazia da sua catequese uma ação cultural”.

Neste sentido, e lendo o número 394 do ‘Diretório para a Catequese’, D. Manuel Clemente manifestou a importância de se “assimilar o essencial da mensagem evangélica, de a transportar, sem a mínima traição à sua verdade essencial, para a linguagem que as pessoas compreendem”. “É isto a inculturação. Transmitir a mensagem evangélica que praticamente é a vida, a morte e ressurreição de Jesus Cristo, o que Ele disse, o que Ele fez e que os Evangelhos guardam, e transmitir isto numa linguagem, com símbolos e com sinalética que as pessoas compreendam, como o próprio Jesus fez, com as parábolas, e como Paulo fez, adaptando-se aos diversos auditórios”, reforçou.

Noutro sentido, o Cardeal-Patriarca não escondeu que “é difícil” a transmissão da fé nas famílias em que “as referências cristãs já não existem”.



RELAÇÃO COM DEUS INALTERADA OU FORTALECIDA



Famílias, catequistas e adolescentes consideram que, no contexto da pandemia, a sua relação com Deus tem-se “mantido inalterada” ou tem-se mesmo “fortalecido”. Na Assembleia Diocesana de Catequistas foram apresentados os resultados de 1400 inquéritos, numa pesquisa realizada em 26 paróquias, envolvendo 558 famílias, 601 adolescentes, 289 catequistas e 19 párocos. “A pandemia não abalou significativamente a fé, pelo contrário, foi um alicerce importante para ajudar as famílias, adolescentes e catequistas a ultrapassarem as dificuldades”, indicam os responsáveis pela leitura desta consulta, sublinhando que os adolescentes (14,2%) são o grupo que se mostra mais “abalado”

pelo impacto da covid-19, seguido dos catequistas (13,9%) e famílias (3,6%).

Os dados foram apresentados por uma investigadora da Universidade Católica Portuguesa, Patrícia Dias – que se dedica à relação entre as crianças e as tecnologias digitais e é catequista na Diocese de Setúbal –, que realçou que a catequese presencial é preferida pela maioria das crianças e adolescentes (65,1%), por considerarem importante “o contacto com os pares e com o catequista e por terem mais dificuldades em acompanhar a partir de casa”. Durante os meses de pandemia, 95,2% dos grupos inquiridos no Patriarcado de Lisboa tiveram catequese online.



“Temos pessoas que já não sabem identificar um crucifixo. Temos gerações de algumas famílias que já não são batizadas”, lembrou, referindo que “quando falta esta cultura, que tinha realmente muitas referências cristãs”, é necessário que “a evangelização e a catequese entrem dentro de cada um, para fazer a cultura cristã na cabeça de cada qual”. “Porque já não há apoios de fora”, frisou.

Catequese inculturada

Neste encontro online com os catequistas do Patriarcado, e onde participaram também catequistas de outras dioceses, D. Manuel Clemente deixou “quatro indicações”, expressas no número 397 do ‘Diretório para a Catequese’, sobre “como se faz a inculturação”, de forma a conseguir “uma catequese inculturada”. “Primeiro, conhecer a cultura das pessoas, saber quem tenho diante de mim; Depois, reconhecer que o Evangelho também tem uma cultura própria, que se pode inserir nas outras e as enriquecer; A seguir, perceber que o Evangelho converte as culturas, ou seja o Evangelho oferece às culturas a possibilidade de conversão, uma outra maneira de ver a realidade, aquela que Jesus Cristo nos traz; Finalmente, o Evangelho já está nas culturas, mas transcende-as, portanto, o que Jesus Cristo nos traz não é para anular o que vem antes, mas é para lhe dar a sua forma última, ou seja, a própria cultura de Deus, feita cultura humana”, apontou. “Se tivermos estas quatro indicações bem presentes, na ma-

neira como fazemos os nossos atos catequéticos, creio que podemos ganhar muitos frutos”, acrescentou.

A este propósito, para o Cardeal-Patriarca, os catequistas têm de “ir procurando transmitir” a “novidade absoluta que Deus dá em Jesus Cristo” nas “realidades” que vão “encontrando”. “Hoje em dia, a missão ‘ad gentes’ é aqui, na própria Europa. Com gente de tanta parte do mundo a habitar na nossa Diocese de Lisboa, por vezes encontramos-nos diante de pessoas que nunca ouviram falar e não conhecem Jesus Cristo. Trata-se de um primeiro anúncio do Evangelho, às vezes a famílias inteiras. Mas temos agora uma situação diferente, que já não é de primeiro anúncio, e também não é de simples alimentação de uma comunidade cristã: trata-se de ‘soprar nas brasas’, como fazemos às fogueiras quando estão quase a extinguir-se, para o fogo atear. É isso que se chama a nova evangelização, com um novo ardor, com novos métodos, para conseguirmos mais frutos, e com novas expressões, encontrando uma criatividade grande para voltar a apresentar, a gente que já esqueceu, e fazer com que este brasido se torne numa fogueira, o fogo do Evangelho, a luz de Cristo”, desafiou D. Manuel Clemente.

A última palavra do Cardeal-Patriarca para os catequistas foi de agradecimento. “A minha muita gratidão pelo vosso trabalho, porque vocês, minhas amigas e meus amigos, são a primeira frente de um ato evangelizador na nossa diocese”, terminou.



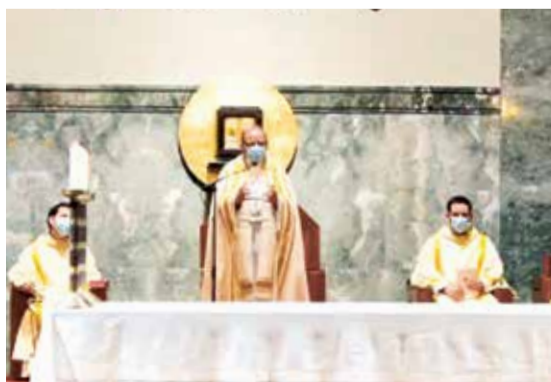
INCULTURAR A MENSAGEM CRISTÃ

O diretor do Sector da Catequese de Lisboa faz, ao Jornal VOZ DA VERDADE, “um balanço positivo” da Assembleia Diocesana de Catequistas, que teve como tema ‘Olhares sobre a pandemia: Releitura da vivência da catequese’, e destaca a necessidade de “inculturar a mensagem cristã” na “nova realidade”. “A nível do Sector da Catequese, pensamos que esta pandemia não é apenas um momento passageiro, em que tudo vai voltar ao normal. Este é um momento onde somos chamados, também, a escutar a realidade e, no fundo, a inculturar a mensagem cristã nesta nova realidade que nos é dada. Daí que também escolhemos como tema de fundo do encontro a inculturação da fé, que significa no fundo a necessidade de a mensagem cristã se adaptar sempre aos contextos e aos destinatários, que neste caso são as pessoas que vivem esta pandemia”, frisou o padre Tiago Neto.

Este responsável sublinha ainda “a participação das pessoas e a diversidade de temas e de pessoas envolvidas na organização” da assembleia, e lembra que, neste encontro online, os catequistas foram os protagonistas, durante os grupos temáticos. “O balanço é positivo, particularmente porque procurámos não apenas fazer o inquérito, mas pôr as pessoas a pensar sobre a realidade que estão a viver. Fazer o exercício de os catequistas não serem apenas os recetores de uma formação, mas que eles fossem protagonistas de um processo crítico de olhar a realidade e poder transformá-la, de alguma forma”, explica. Concretizando, este sacerdote aponta que os catequistas refletiram “sobre a forma como as famílias viveram a fé, a forma como as crianças e os adolescentes participaram neste processo de adaptação da catequese e a forma como os catequistas, nas suas comunidades, procuraram adaptar-se e como veem o seu próprio ministério e a sua relação com a comunidade”.

Manter os laços com a comunidade cristã

Sobre os resultados dos inquéritos, que foram apresentados durante a Assembleia Diocesana de Catequistas, o padre Tiago Neto destaca que, “do ponto de vista das famílias, houve um acentuar da dimensão espiritual”. “As famílias conservaram aquilo que era um ambiente de oração e de vida de fé. Por outro lado, as dificuldades maiores apareceram naquilo que foi a orgânica do tecido comunitário, tendo em conta aquilo que é articulação entre os catequistas, o trabalho que vão desenvolvendo e aquilo que é a relação das pessoas com a comunidade cristã. Portanto, a relação com Deus manteve-se, do ponto de vista daquilo que é uma estrutura pessoal ou familiar, mas aquilo que diz respeito à relação comunitária podemos dizer que a fragilidade está mais na parte da criação de laços e da manutenção desses laços – não quer dizer que eles não tenham existido digitalmente, mas de facto podemos dizer que há uma necessidade para construir a comunidade cristã naquilo que é a dimensão mais presencial, que é essencial para a vida da própria comunidade”, deseja o diretor do Sector da Catequese de Lisboa.



“ALEGRIA PASCAL TEM DE PASSAR PARA TODO O ATO CATEQUÉTICO”

A Assembleia Diocesana de Catequistas terminou com a Oração de Vésperas do Domingo II da Páscoa, que foi transmitida, em direto, da capela do Seminário dos Olivais, e foi presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa. “O tempo pascal é o vosso tempo muito em particular, caríssimos catequistas. O ato catequético outra coisa não é, para crianças, adolescentes, jovens e adultos, que o anúncio do grande querigma, ou seja, da Páscoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Este primeiro anúncio, este anúncio essencial que depois desenvolve no ato catequético, tem de ser repassado pela alegria que nestes dias, mesmo em tempo de pandemia, nos toca a todos, da ressurreição do Senhor. É um tempo muito especial, porque é um tempo novíssimo, que o próprio Deus nos inaugura com a ressurreição de Jesus Cristo. Esta certeza, a alegria pascal, tem de passar para todo o ato catequético”, referiu D. Manuel Clemente.



P. Gonçalo Portocarrero de Almada Apóstolas de apóstolos



O dignidade e missão das mulheres cristãs é um tema recorrente da agenda eclesial: não estranha, portanto, que a Santa Sé tenha agora nomeado uma nova comissão *ad hoc*, que investigue, em termos históricos e teológicos, a relação entre o serviço eclesial prestado pelas mulheres e a diaconia sacramental. Também a Conferência Episcopal Portuguesa, que reuniu em Fátima esta semana, se propôs reflectir sobre “o diaconado permanente e a maior presença das mulheres nas funções da Igreja católica” (*Público*, 13-4-2021).

Não é preciso ser teólogo para afirmar a importância das mulheres na missão da Igreja, desde os seus primórdios. Nos relatos evangélicos da paixão de Cristo, destaca-se a impressionante fidelidade das mulheres cristãs, não obstante a sua exclusão da última Ceia, onde não estiveram presentes ou, pelo menos, não receberam de Jesus o poder de celebrar a Eucaristia. Até a mulher de Pôncio Pilatos, decerto pagã, intercedeu por Jesus de Nazaré, junto do seu marido que, contudo, O condenou à morte. A fidelidade das santas mulheres durante a paixão do Mestre contrasta com a generalizada traição dos apóstolos: Judas foi o traidor, Pedro negou por três vezes a Cristo

e, ao pé da Cruz, João é o único presente. Também os episódios que referem a gloriosa ressurreição de Jesus Cristo têm, por regra, as mulheres como protagonistas. Para além de Maria, a mãe de Jesus, a quem seu Filho teria concedido a graça da sua primeira aparição depois de ressuscitado, segundo uma revelação particular, os Evangelhos são particularmente insistentes no que respeita ao papel das mulheres: é a elas que Cristo primeiro aparece; Maria Madalena, por ter sido quem anunciou aos apóstolos a vitória de Cristo sobre a morte, foi denominada ‘apóstola dos apóstolos’; até os discípulos de Emaús atribuem às mulheres cristãs o rumor de que o divino ressuscitado estava vivo e lhes tinha aparecido.

Deus, ao criar o ser humano, o fez em duas modalidades: homem e mulher os criou. Iguais em natureza e dignidade, o indivíduo humano, feminino ou masculino, tende a completar-se com uma pessoa do outro sexo, porque só a união conjugal é fecunda. Contradizem a Escritura não apenas aqueles que negam a igual dignidade e natureza de homens e mulheres, mas também aqueles que não entendem a complementaridade do fe-

minino e do masculino na família e na Igreja. Não se pode negar a igual dignidade de todos os fiéis cristãos, qualquer que seja o seu sexo, porque todos são igualmente filhos de Deus e estão chamados à mesma santidade, que só numa mulher, a santíssima Virgem Maria, é referida no superlativo. Mas também não se pode esquecer que essa necessária complementaridade do masculino e do feminino é querida por Deus na família e na Igreja. Da mesma forma como o homem não está chamado a ser mãe, a mulher também não está chamada a ser pai: o pai não é uma outra mãe, nem a mãe é outro pai. Os filhos precisam de uma mãe e de um pai para a sua concepção, mas também para o seu crescimento em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens.

O mesmo se diga, também, da complementaridade do masculino e do feminino na Igreja: a mulher cristã não está chamada a ser como o homem cristão, ou à sua imagem e semelhança. Na santidade, todos devem certamente convergir, como coincidem na vocação baptismal à santidade e ao apostolado, mas cada qual segundo o seu próprio modo de ser, feminino ou masculino.

Não consta que ninguém tenha ainda reivindicado o ‘direito’ dos homens cristãos a serem ‘religiosas’, ‘irmãs’ e ‘madres’, mas não faltam os que, à conta do que dizem ser um preconceito da Igreja, reivindicam o ‘direito’ das

mulheres cristãs ao sacramento da Ordem, ou seja, a serem ‘padres’. Uma tal pretensão não decorre do reconhecimento da igual dignidade de ambos os sexos, mas de um machismo encapotado, que pretende reduzir os dois sexos ao estereotipo masculino, exigindo às mulheres a substituição do seu modo de ser feminino pela modalidade masculina inerente ao sacerdócio ministerial, indispensável para que sejam, não obstante a contradição do termo, ‘padres’.

Para combater este clericalismo machista, fazem falta, na Igreja universal e na Igreja portuguesa, mulheres cristãs que sejam feministas e lutem pela sua igual dignidade, no respeito pela sua própria especificidade natural e eclesial. Mulheres cristãs que repudiem as tentativas clericais e machistas de as converter em ‘padres de segunda’ e se afirmem, sem complexos, não apenas como apóstolas – como o são tão frequentemente nas famílias, catequese, escolas, etc. – mas, como Santa Maria Madalena, apóstolas de apóstolos.



Guilherme d’Oliveira Martins Pedro e Tomé, representação nossa...



Há dois episódios que relemos neste tempo de Páscoa, de que saímos, a caminho do Pentecostes, e que continuam a deixar-nos cheios de perplexidade. Falo da tripla negação de Pedro e da incredulidade de Tomé. Afinal, somos nós mesmos que ali estamos representados, por muito que isso nos choque. É o certo é que, para que não haja dúvidas, as palavras que pontuam tais acontecimentos são claríssimas. Pedro recusa terminantemente a tentação, quando Jesus lhe anuncia que ele O vai renegar. E nós sentimo-nos aí retratados. Facilmente temos a tentação de nos considerarmos infalíveis se uma pergunta tão clara nos for posta. A resposta infalível aparece-nos como natural. Esquecemo-nos das circunstâncias desfavoráveis em que podemos ser chamados para dizer como defendemos aquilo em que acreditamos. E, para que não haja dúvidas, sobre a nossa fragilidade e imperfeição, a negação de Pedro é tripla. Assim se ilustra a noção essencial de que a imperfeição é a regra da sociedade e que o que nos exige é que nos disponhamos a ser amanhã melhores do que hoje. A sociedade perfeita e irrepreensível seria aquela em que o sábado

prevaleceria cegamente sobre as pessoas. E sabemos que isso assim não pode ser. Não se trata de cair na tentação relativista, mas sim de dar prevalência ética à atenção e ao cuidado com as pessoas. Ninguém é invulnerável, mas todos somos chamados a aceitar que erramos e ao dever de ser melhores. Pedro chorou lágrimas muito amargas quando entendeu a sua fragilidade – e nós também temos de estar de sobreaviso, pois seremos também surpreendidos quando menos esperarmos. O género humano é complexo e difícil de entender – eis por que razão temos de ter bem presente o exemplo de Pedro, que está acima de qualquer suspeita. Não está em causa a sua escolha como pedra em que assentará a Igreja, mas sim a demonstração da falibilidade da humanidade. Pedro morrerá, aliás, em Roma, dando o supremo testemunho de mártir da fé. Assim, o episódio relatado pelos quatro Evangelhos canónicos tem uma centralidade evidente, uma vez que se nos dirige especialmente, já que é o primeiro dos apóstolos que exemplifica a nossa própria fragilidade. O quadro de Caravaggio que representa esta circunstância é extraordinariamente expressi-

vo, uma vez que Pedro dissimula claramente a sua pertença ao círculo próximo de Jesus. Ele aparece-nos, procurando apenas sobreviver... O segundo episódio, também está representado pelo pintor Caravaggio numa das suas indiscutíveis obras-primas. Tomé não está com os discípulos quando Jesus os visita inesperadamente para demonstrar a Ressurreição. Quando lhe contam o sucedido, ele não acredita, e diz que precisa de ver para crer. O relato é-nos feito por João. Uma semana depois, Cristo regressa e Tomé já está. Lembremo-nos da imagem dada pelo genial pintor na referida pintura. Tomé, o pescador, olha fixamente para o lado trespassado pela lança do soldado quando Cristo estava na cruz. É impressionante o realismo com que a mão e o dedo se aproximam da abertura exposta. Percebemos não ser necessário o contacto, basta o pedido. “Meu Senhor e meu Deus!”. De novo, como no caso de Pedro, somos nós que ali estamos representados. Nós duvidamos e temos necessidade de que a prova seja dada. E o quadro é um autêntico espelho de quem verdadeiramente somos. E do que se trata, de facto, é de reconhecermos que sendo naturalmente imperfeitos, somos pessoas de pouca fé...

E se falo de Tomé, não resisto a citar um texto de 1973 do Padre Alberto Neto, meu saudoso professor: «Eu sempre gostei da figura de S.

Tomé. Homem realista e existencial que exige o ver para crer. Não que nele se haja extinguido a capacidade de abarcar o mistério profundo das coisas. Não! Apenas aquele modo muito leal que exige o sinal, o sacramento, que alicerce a sua fé. De tal forma isto é assim, que, quando Cristo o convida: «Tomé, mete aqui a tua mão», toda a sua capacidade de aderir ao mistério de Jesus de Nazaré ressuscitado se manifesta numa afirmação inequívoca: «Meu Senhor e meu Deus». E isto, antes mesmo de chegar a meter a mão. Como compreendo bem este homem, exigindo o sinal visível da sua adesão! Como ele nos deve falar hoje e agora! Sinal de tantos milhares de homens que têm sede do Deus vivo, do Deus da libertação do homem e do povo, e são iludidos na sua expectativa e reta intenção». E nesta invocação, sentimos tudo. Pedro e Tomé – representação nossa, mas quanta distância, na nossa infinita imperfeição...





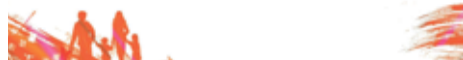
SDER de Lisboa com novos materiais

Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa informou que tem disponível diverso material de sensibilização da disciplina de EMRC - Educação Moral e Religiosa Católica, designadamente desdobráveis, cartazes, marcadores de livros e novas pulseiras (informações: 218810542 ou secretariado@sder.pt)



Festa da Família

30 de Maio 2021



Dia 30 de maio

Festa da Família em modo paroquial

A Pastoral Familiar do Patriarcado de Lisboa anunciou que a Festa da Família, marcada para o dia 30 de maio, vai ter lugar em cada paróquia. “Acordámos com o Senhor Patriarca que, devido à pandemia, a Festa da Família se celebrará nas missas paroquiais do dia 30 de maio de 2021 com uma bênção do Pároco para as famílias e, em particular, para os casais jubilares (que fazem 10, 25, 50, 60 ou mais anos de casados), que aí receberão um diploma personalizado com a Bênção do Senhor Patriarca”, informa uma mensagem do casal diretor da Pastoral da Família, Regiani e Tiago Líbano Monteiro, enviada às paróquias.

Os casais jubilares devem inscrever-se através do site www.familia.patriarcado-lisboa.pt.

JMJ Lisboa 2023

Novos terços convidam à oração

Foram apresentados os Terços JMJ Lisboa 2023. São três versões que, “do ponto de vista pastoral, é um convite à oração”, segundo refere uma nota do Gabinete de Comunicação da jornada.



“Num país marcadamente de tradição mariana como Portugal, o terço não poderia deixar de ser um dos elementos identificadores da JMJ, a par do logotipo e hino oficiais. Aliás, alegrou-nos muitíssimo a mensagem do senhor Presidente da República que partilhou connosco a intenção de o Papa Francisco desejar visitar Fátima no contexto da JMJ”, referiu D. Américo Aguiar, presidente da Fundação JMJ Lisboa 2023.

Os novos terços foram produzidos pre-



cisamente em Fátima. “Nos três modelos criados, o cordão do terço é em fio de algodão. Duas versões são em madeira, uma trabalhada e outra mais simples, e outra usa o plástico reciclado como matéria-prima. As peças assumem a preocupação ambiental, com algumas características peculiares, como o facto de em cada terço de plástico ser usado material reciclado equivalente a 35 tampas de garrafa de água”, salienta o comunicado, sublinhando que “comunicar para todos, nomeadamente através da linguagem inclusiva (braile e pictogramas), é uma prioridade da JMJ Lisboa 2023 que está presente nas embalagens dos terços, em papel reciclado”. Os novos terços estão à venda desde o dia 15 de abril. “Tendo como ponto de partida a identidade gráfica da Jornada, o Terço integra como elementos centrais a Cruz da JMJ Lisboa 2023, e, no passador, o lema da JMJ 2023, definido pelo Papa Francisco: «Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39). Nas contas do Pai-Nosso está a re-

ferência «JMJ LISBOA 2023», impressa nos idiomas oficiais (português, espanhol, inglês, francês e italiano)”, refere o comunicado de imprensa.

Com o terço é disponibilizado um folheto com a meditação dos Mistérios do Rosário, com introdução do Cardeal-Patriarca de Lisboa. “Como Maria partiu de Nazaré para a Judeia, até à casa de Isabel, também nós partimos, da convocação do Papa Francisco até ao verão de 2023. Com Maria levamos Jesus, que por nós quer chegar a muitos. Isto mesmo nos convence que só com Jesus e Maria atingiremos o objetivo da JMJ. É por isso que a oração do Terço é tão importante, especialmente agora”, escreve D. Manuel Clemente.

O primeiro momento de oração está agendado para 1 de maio, online, com a participação dos jovens das dioceses portuguesas. “Durante o mês de maio, estará disponível, no site, a versão áudio e em língua gestual portuguesa das meditações propostas para o terço JMJ Lisboa 2023”, informa a nota.



Exposição

75 anos do Opus Dei em fotografias inéditas

Está patente no Oratório São Josemaria em Lisboa, até dia 5 de maio, uma exposição com fotografias e objetos, “alguns inéditos”, sobre a história dos 75 anos do Opus Dei em Portugal. “O objetivo é dar a conhecer a história de fé e entrega, trabalho e alegria – protagonizada por São Josemaria e pelos primeiros membros da Obra a chegar a Portugal, que souberam confiar e fazer realidade os sonhos de Deus, e ficaram aquém –, que se desenrolou até aos dias de hoje, e se abre ao futuro”, salienta uma nota. Esta exposição itinerante, de entrada gratuita, vai percorrer várias cidades do país e consta de “14 painéis” e “alguns objetos históricos”.



Oração pelas Vocações

“Incrementar verdadeira cultura vocacional”

O presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios deseja que a 58.ª Semana de Oração pelas Vocações Consagradas (18 a 25 de abril) desperte “a consciência de todos para a problemática da vocação”. “Precisamos de incrementar uma verdadeira cultura vocacional que ajude os cristãos, a começar pelos mais jovens, a olhar a vida numa outra perspetiva, a da vocação”, escreveu D. António Augusto de Azevedo, numa nota, sublinhando que, “nestes dias, é igualmente oportuno e necessário revalorizar a vocação consagrada”.

Os materiais de divulgação da Semana de Oração pelas Vocações estão disponíveis, para download, em <http://bit.ly/vocacoes21>.



Em Telheiras

Loja escutista de Lisboa reabre ao público

A Região de Lisboa do CNE – Corpo Nacional de Escutas anunciou a reabertura da sua loja escutista, situada em Telheiras. “Com o retomar das atividades presenciais, o DMF-Lisboa [Depósito de Material e Fardamento] volta a funcionar presencialmente, a partir de hoje, dia 9 de abril. Manteremos todas as medidas de segurança anteriormente implementadas, nomeadamente a obrigatoriedade de utilização de máscara no interior do DMF, a limitação de associados no interior e um circuito de circulação único. Venham visitar-nos!”, refere um post na página no Facebook (www.facebook.com/cneregiaoisboa). Informações: 217144146 ou dmf.lisboa@escutismo.pt



Clarissa do Milharado

“Não deixem Deus sozinho no mundo”

Natural da paróquia do Milharado, na Vigararia de Mafra, a irmã Cristina Isabel fez os votos temporários nas Irmãs da Ordem de Santa Clara de Assis (Clarissas) de Monte Real, no passado Domingo, 11 de abril. “A todos os Irmãos digo que o mundo é belo, mas Deus é mais. A felicidade da realização pessoal é maravilhosa, mas a felicidade de viver com Deus, e para Ele, é incomparavelmente mais profunda e libertadora. Não deixem Deus sozinho no mundo nem deixem as vossas vidas sem Deus”, escreveu a irmã Cristina Isabel Alexandre Quirino, num testemunho publicado no Facebook, sublinhando que a “vertente do carisma” que mais a “entusiasma e desafia é a vivência da pobreza”.

Helena Presas, da Pastoral da Saúde da paróquia do Campo Grande

“UMA PESSOA SEM PERTENÇA, SEM SENTIDO E SEM FÉ, DEFINHA”

Ligada à criação da Pastoral da Saúde na paróquia do Campo Grande, Helena Presas testemunha como foi possível implementar esta pastoral “em todos os grupos paroquiais” e levar aos doentes o sentido de pertença à comunidade cristã. Em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, esta leiga reclama por uma maior presença da Pastoral da Saúde nas paróquias e alerta para o facto de a eutanásia começar “muito antes de ser pedida”. “O sentido para a vida é dado pelas famílias”, aponta.

entrevista por Filipe Teixeira



A partir da sua experiência na paróquia do Campo Grande, como é que a Pastoral da Saúde foi sendo organizada e qual o caminho percorrido?

Há cerca de 20 anos, quando estava ligada à catequese, o padre Vítor Feytor Pinto [antigo pároco do Campo Grande] pediu-me para criar os grupos de Pastoral da Saúde. Não se pode dizer que não houvesse uma pastoral orientada para os doentes, pois tínhamos os Vicentinos, a Legião de Maria, o Apostolado de Oração e os Ministros da Comunhão que visitavam os doentes, e tínhamos também o padre António que fazia muita questão de visitar e acompa-

nhar as pessoas doentes. No entanto, o padre Vítor trouxe uma grande mudança, porque começou a falar da Pastoral da Saúde e não da Pastoral da Doença. Ele começou a sentir uma necessidade de se fazer qualquer coisa de forma mais organizada. Achou que tinha de atualizar a metodologia para que as pessoas todas se envolvessem numa certa Pastoral da Saúde. A primeira tarefa que tivemos foi a constituição de voluntários que distinguíssem, ainda naquela época, o que era a visita e o que era a visita pastoral. Tínhamos um centro social que estava a iniciar a sua constituição como IPSS e com técnicos que não eram necessa-

riamente católicos e, mesmo católicos, não tinham necessariamente uma vida pastoral, portanto não conseguiam ser sensíveis a essa realidade. Constituímos então grupos de voluntários para visitar as pessoas em casa. Procurei orientar a Pastoral da Saúde e dediquei-me mais aos idosos, uma área para a qual sou mais sensível. A parte da educação para os afetos era muito desenvolvida pelos grupos de jovens, através das missionárias Verbum Dei, e a parte da educação para os afetos na infância e no 1.º Ciclo era desenvolvida pela catequese. O padre Vítor pedia muito a todos os grupos que se focassem nesse desenvolvimento. A Pastoral

da Saúde foi inserida em todos os grupos paroquiais e isso criou uma rede e não pôs os grupos uns contra os outros. O que constatei aqui, e noutros locais, é que os grupos pastorais existem, mas é cada um no seu cantinho. E com cada um no seu cantinho não se potencia a riqueza de cada um, não se oferece aos outros o conhecimento da diversidade de cada um e, se não se desenvolvem e acabam por se fechar, morrem.

Do ponto de vista mais prático, como foi possível organizar esta pastoral na paróquia?

A primeira coisa que o padre Vítor me pediu foi para organizar os Ministros da Comunhão, que, ao irem, com toda a generosidade, levar a comunhão a casa das pessoas doentes, faziam-no de uma maneira completamente ‘freelancer’. Eu perguntava ao padre Vítor se sabia quantas comunhões eram distribuídas em casa e ele não fazia a mais pequena ideia. Ao organizar estes agentes, convidei-os para uma reunião mensal e propus muita organização – o que irrita as pessoas, mas só até elas perceberem que isso lhes traz vantagens. É verdade que é uma maçada ter que dizer quantas vezes por semana vou dar a comunhão e ter que escrever isso no papel, mas quando, no fim, as pessoas percebem que são centenas de comunhões distribuídas durante seis meses, ficam espantadas e ficam muito contentes porque vêem o seu trabalho e a sua dedicação valorizada e reconhecida.

Conseguimos também implementar festas litúrgicas que faziam a ligação de pertença de quem está em casa à paróquia. Por exemplo, na Quaresma, passámos a fazer um ‘Caminho de Quaresma’, levando uns livrinhos com a temática adotada na paróquia e arranjávamos forma de articular a

PERFIL

Helena Presas tem 64 anos e licenciou-se em Fisioterapia, no Brasil. Em Portugal, quis “juntar o céu à terra, o corpo ao espírito” e licenciou-se em Teologia. Na paróquia do Campo Grande, em Lisboa, foi tendo cargos de gestão e foi aperfeiçoando a formação com cursos nessa área. Atualmente, é diretora executiva do Centro Social Paroquial do Campo Grande.





atividade desenvolvida para esse tempo litúrgico pelo Centro de Dia, com aquilo que se iria fazer em casa. As pessoas que estavam em casa viam que estavam integradas num caminho comum e, à medida que os grupos foram aderindo, os próprios grupos começaram a perceber que ganhavam com isso.

É preciso que a linguagem atual consiga, sem ter que andar a recuperar imagens do passado, levar a pertença a uma comunidade, levar a proximidade e levar a vivência pastoral às pessoas que, por qualquer razão de saúde, ficaram isoladas. E temos que ser muito criativos na forma como construímos as pertenças, porque a verdade é que uma pessoa sem pertença, sem sentido e sem fé, define.

A pertença comunitária é então o maior benefício de ter uma Pastoral da Saúde organizada numa paróquia?

Penso que a pertença comunitária é um dos maiores benefícios, assim como a relação com a comunidade, porque a comunidade cristã é uma comunidade de relação. Por exemplo, nós levávamos os meninos da catequese a casa das pessoas e algumas delas nunca mais viram crianças na vida desde que ficaram fechadas em casa. O facto de as crianças levarem uma ou duas vezes por ano a alegria aos lares, a casa das pessoas ou a alguma casa de saúde, traz a realidade da esperança ao concreto da vida das pessoas. Relação, pertença, proximidade e – outra coisa que acho muito importante na Pastoral da Saúde – cidadania cristã ativa são importantes.

Costuma-se associar a Pastoral da Saúde apenas às capelarias hospitalares ou à visita aos doentes. Na sua

opinião, o que falta para que mais paróquias possam dinamizar esta pastoral?

Falta método, faltam boas lideranças nas paróquias, porque não basta a pessoa querer, é preciso liderar, refazendo estruturas que não querem abrir-se, porque têm um esquema já muito viciado. É preciso gente mais nova de cabeça, que consiga desestabilizar para depois estruturar. Mas é necessário que os párocos estejam convencidos disso e que saibam que isto vai acontecer, saibam que para se reintegrar, para atualizar, é preciso dar novas diretrizes. Hoje, há estruturas sociais altamente organizadas – e não só na Igreja – que têm que dialogar umas com as outras. Se vamos com um ‘igrejês’ que ninguém consegue compreender, à segunda palavra já não nos conseguem ouvir...

Sobre os capelães, vejamos o seguinte exemplo: nós acompanhamos pessoas em apoio domiciliário, os nossos Ministros da Comunhão vão a casa dar a comunhão, o padre também as visita para a Unção dos Doentes... e num dia vão parar ao Hospital de Santa Maria, porque estão doentes. Tem algum sentido que seja um Ministro da Comunhão que nunca os viu a dar-lhes a comunhão? Não seria mais lógico que esse ministro que costuma ir a sua casa se entendesse com o capelão para ser ele a dar a comunhão em nome do capelão? Claro que a estrutura oficial do hospital é o capelão, mas a capelania não podia estar ligada, de tal maneira, às paróquias, para que essa pessoa possa ser visitada? Porque o Ministro da Comunhão que dá a comunhão a um doente, em casa, não deixa de o visitar no hospital... Acho, por isso, que as capelarias deviam ser muito integradas nas paróquias.

DIA DIOCESANO DA SAÚDE

22
ABRIL
2021

21H15

ONLINE

Dia da Saúde no Patriarcado de Lisboa

ENCONTRO ONLINE VAI REFLETIR SOBRE A 'PASTORAL DA SAÚDE NAS COMUNIDADES CRISTÃS'

A Pastoral da Saúde do Patriarcado de Lisboa vai celebrar o Dia Diocesano da Saúde a 22 de abril, quinta-feira, com um webencontro, às 21h15, sobre 'A Pastoral da Saúde nas comunidades cristãs'. Este evento online é aberto a todos, mas particularmente dirigido aos agentes de pastoral social e da saúde, bem como a profissionais da saúde, idosos, doentes e familiares.

Nesta iniciativa, o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente, fará a conferência de abertura, dedicada ao tema 'Pastoral da Saúde: um mandato do Senhor'. Entre os oradores está o padre Fernando Sampaio, com o tema 'Pastoral da Saúde: missão e desafios?', a psiquiatra Margarida Neto, que vai falar dos 'Contributos dos profissionais para a Pastoral da Saúde na paróquia' e também Helena Presas, da paróquia do Campo Grande, que irá abordar a 'Pastoral da Saúde numa paróquia urbana: testemunho'.

Inscrições: www.patriarcado-lisboa.pt

Num momento em que a pandemia também veio evidenciar a importância da valorização da saúde – desde os cuidados básicos, hospitalares, imediatos, até à saúde mental e aos cuidados paliativos –, qual o caminho que terá de ser percorrido pela sociedade para melhorar as condições de saúde de todos? A lei da eutanásia veio contrariar esse movimento?

Sou completamente contra a lei da eutanásia e acho que foi escolhido o pior momento. Até parece uma provocação desumana. Se as pessoas estivessem mais preocupadas em humanizar a saúde e em desenvolver aquilo que a Igreja anda a dizer – e a praticar – há muitos anos, como são os cuidados paliativos e os cuidados em casa, e se tivessem um bocadinho mais de atenção àquilo que a Dr.^a Isabel Galriça Neto tem dito incansavelmente, as pessoas eram todas mais felizes em casa. A eutanásia começa muito antes de ser pedida. Começa quando as pessoas deixam de ter sentido e o sentido para a vida não é dado só por

uma pessoa, é dado pelas famílias. As famílias ligam muito à saúde dos idosos e não os deixam sair, porque existe o covid-19 e é perigoso, mas deixam-nos morrer de solidão, em casa. Os idosos podem perder completamente o sentido da vida estando em casa.

Aqui, no Centro Social Paroquial do Campo Grande, muitos desdobram-se em telefonemas para as pessoas. Foram horas e horas ao telefone, a fazer estimulação cognitiva para manter a presença. Era um pretexto, porque o que as pessoas queriam era conversar e ouvir. Eu acho que a eutanásia é a maior covardia que uma sociedade, em nome da ciência, pode oferecer. Alguns escudam-se na liberdade individual... Em que nível está a liberdade individual quando uma pessoa está há dois anos fechada em casa e o medo tomou conta dela? Onde está a liberdade e a dignidade da pessoa humana para poder ter uma escolha digna? Quando falamos de uma última decisão, teríamos que olhar para trás e ver o que as pessoas fizeram com os seus idosos.



Semana de Oração pelas Vocações: jovem pré-seminarista deixa o seu testemunho

“Procuramos a vontade de Deus e da Igreja nas coisas mais diversas do nosso quotidiano”

Sou o Rodrigo Canhoto, tenho 17 anos e sou da paróquia da Bobadela, na qual sou acólito e catequista. Este é o meu 6.º ano como pré-seminarista.

Mas o que é o pré-seminário? O pré-seminário, mais do que um espaço, é um tempo no qual rapazes dos 12 anos em diante se reúnem em busca da sua vocação, ou seja, da vontade de Deus para as suas vidas. Durante este tempo procuramos a vontade de Deus e da Igreja nas coisas mais diversas do nosso quotidiano. Tudo começou no ano de 2015, no qual o meu prior, padre Marcos Castro, me convidou a ir a um encontro do pré-seminário, algo que nunca tinha ouvido falar. O encontro teve a duração de 5 dias e posso dizer que saí de lá encantado. Jogámos à bola, tivemos jogos noturnos, momentos de oração, Missa diária, entre outras coisas. Fui convidado a entrar no Pré-Seminário de Lisboa, ao qual respondi prontamente que ‘Sim’ e, por isso, passei a ir aos encontros que, na altura, eram durante as férias da escola.

No meu 9.º ano passei para os companheiros de São Tiago, onde os jogos já não são tão frequentes, mas onde é possível aumentarmos a nossa relação com Nosso Senhor. Esse foi um ano muito importante, pois foi-me feito o convite para entrar para o seminário menor.

Por diversos motivos, acabei por não entrar no seminário menor e esses anos (9.º ao 11.º) foram muito complicados na minha relação com Nosso Senhor e no caminho que ia fazendo.

Nesta etapa, do 9.º ao 11.º, fui acompanhado pelo padre Rodrigo Alves e, claro, sempre pelo padre Marcos Castro, que me ajudaram a manter-me fiel a Jesus, à Sua vontade para a minha vida e até a criar um ‘seminário’ caseiro.

Neste ano letivo, frequento o 12.º ano do curso de música na Academia de Música de Santa Cecília. Passei para os companheiros de São Paulo, onde rapazes do 12.º ano em diante se reúnem sobretudo à volta da pessoa de São Paulo, a fim de perceberem aquilo que Deus quer para as suas vidas.

Este ano, tenho de agradecer muito à Igreja, sobretudo nas pessoas dos padres Rui de Jesus, Filipe Santos e Marcos Castro, que me têm apontado sempre para os caminhos do Senhor.

Está a ser um ano incrível, não só de grande crescimento na fé, mas também no conhecimento de mim próprio e de perceber que sou apenas um grãozinho de areia nesta Igreja e que, mesmo assim, Deus me ama, como se fosse o único. Apesar de todas as minhas debilidades, Deus continua a chamar-me sempre; independentemente do que eu faça, Ele ajuda-me a caminhar, pois sabe que sou fraco e isso é algo que me dá uma grande tranquilidade.

Todos nos lembramos de São Pedro, que na noite da prisão de Jesus O nega 3 vezes e viria a ser o primeiro Papa da Igreja! Por isso, apesar dos meus erros e negações, o Senhor continua a chamar-me, visto que o Seu chamamento é irrevogável.

Partilho uma frase que me tem conduzido no decorrer deste ano: “Mas corro para ver se O alcanço, já que fui

alcançado por Cristo Jesus”. Esta passagem encontra-se no terceiro capítulo da Carta de São Paulo aos Filipenses e é para mim um forte incentivo para continuar a dizer ‘Sim’ ao Senhor, pois Ele quer fazer caminho comigo! Ter esta certeza de que Ele já me alcançou é extremamente reconfortante.

Toda esta caminhada irá culminar, se Deus quiser, na minha entrada no tempo Propedêutico, em setembro deste mesmo ano.

Não sei se um dia vou ser padre, mas sei que tenho de responder diariamente à pergunta: “Rodrigo, tu amas-Me?”.

Peço que, sobretudo ao longo desta Semana de Oração pelas Vocações, possam não só rezar por mim, mas por todos os pré-seminaristas, seminaristas e padres que nos acompanham. Deem a conhecer aos jovens das vossas paróquias os encontros do pré-seminário e dos Luzeiros (para raparigas) e incentivem-nos a neles participarem.

texto por Rodrigo Canhoto,
paróquia da Bobadela



Rodrigo Canhoto (em cima, à direita), de 17 anos, é da paróquia da Bobadela e está no Pré-Seminário de Lisboa



FICA ATENTO ÀS
NOVIDADES
DE CADA DIA 23
NAS NOSSAS REDES!

DIA 23... EM ABRIL

Continuamos a caminhar até à JMJ Lisboa 2023, e o DIA 23 já é uma pausa obrigatória neste caminho. No próximo dia 23 de Abril, juntamo-nos ao Sector de Animação Vocacional de Lisboa para rezar pelas Vocações, na 58.ª Semana de Oração pelas Vocações! Junta-te a nós através da transmissão online no Facebook do Serviço da Juventude, do Patriarcado e das Vocações de Lisboa, assim como no YouTube do Patriarcado, às 21h15.





com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“Sem oração, não há mudanças de Igreja, há apenas interesses de grupo”

O Papa Francisco criticou “certos grupos” que querem “reformas eclesiais”, mas que “não rezam”. Na semana em que assinalou o 50.º aniversário da proclamação de Santa Teresa de Ávila como doutora da Igreja, o Papa celebrou o Domingo da Divina Misericórdia numa igreja de Roma, enviou um telegrama pela morte de Duque de Edimburgo e dirigiu-se ao Banco Mundial e ao FMI.



1. “Tudo na Igreja nasce na oração, e tudo cresce graças à oração”, disse o Papa, na catequese da audiência-geral de quarta-feira, 14 de abril. “Quando o Inimigo, o Maligno, quer combater a Igreja, fá-lo, desde logo, procurando sequestrar as suas fontes, impedindo-as de rezar. Por exemplo, vemo-lo em certos grupos que se organizam para desencadear reformas eclesiais e mudanças na vida da Igreja... estão lá todas as organizações e os media informam tudo... Mas não se vê oração, não se reza”, frisou. Francisco acrescentou estas reflexões ao texto previamente preparado para o encontro, comentando recentes iniciativas de grupos, em destaque sobretudo na Alemanha, que reivindicam mudanças radicais na doutrina da Igreja, amplamente divulgadas nos meios de comunicação social. Sem nunca referir casos concretos, o Papa não deixou de ser veemente. “Temos de mudar isto, temos de tomar esta decisão, que é bocado forte...”, acrescentou, referindo-se a essas pressões. “A proposta pode ser interessante, mas é interessante só com discussão? Só com os media? Onde está a oração?”, questionou. “A oração é o que abre a porta ao Espírito Santo, que nos ajuda a avançar. As mudanças na Igreja sem oração, não são mudanças de Igreja, são mudanças de grupo!”, considerou.

Francisco também desafiou cada um a interrogar-se: “Como rezo? Rezo como um papagaio ou com o coração? Rezo na Igreja e com a Igreja, ou só de acordo com as minhas ideias?... Isso é uma oração pagã. Sem a oração, a fé apaga-se”. E acrescentou, citando o Evangelho: “Quando vier o Filho do Homem, encontrará acaso fé sobre a terra? (Lc 18, 8), ou encontrará apenas or-

ganização, ou só grupos de empresários da fé, com tudo muito bem organizado, com obras de beneficência e outras coisas?... Ou encontrará fé?”.

2. O Papa assinalou o 50.º aniversário da proclamação de Santa Teresa de Ávila como doutora da Igreja, destacando, numa mensagem, o papel da religiosa (1515-1582), mística e reformadora da Ordem Carmelita. Francisco apresenta a religiosa espanhola como “exemplo único do papel extraordinário que a mulher desempenhou ao longo da história, na Igreja e na sociedade”. A mensagem, divulgada dia 13 de abril, é dirigida ao Congresso Internacional ‘Mulher Excepcional’, que decorreu em Ávila, de 12 a 15 de abril. “É bonito lembrar que todas as graças místicas que recebia a levavam para o céu; mas ela sabia como trazer o céu para a terra, fazendo da sua vida uma morada de Deus, na qual todos tinham um lugar”, escreveu o Papa. Santa Teresa de Ávila foi declarada doutora da Igreja pelo Papa São Paulo VI, a 27 de setembro de 1970, sendo a primeira mulher a receber esse título. Para Francisco, esta decisão reconheceu o valor dos escritos e o testemunho de vida da religiosa. “Apesar dos cinco séculos que nos separam da sua existência terrena, a chama que Jesus acendeu em Teresa continua a brilhar neste mundo sempre necessitado de testemunhas corajosas, capazes de derrubar qualquer muro, seja ele físico, existencial ou cultural”, apontou, sublinhando ainda a atualidade dos escritos de Santa Teresa de Ávila: “O seu exemplo não é apenas para os nossos irmãos e irmãs que sentem o chamamento à vida religiosa, mas para todos os que de-

sejam progredir no caminho da purificação de toda a mundanização”.

3. O Papa celebrou Missa na Igreja Santo Spirito in Sassia, santuário dedicado à Divina Misericórdia, proclamada por São João Paulo II. “Para Deus, ninguém é falhado, ninguém é inútil, ninguém é excluído. E Jesus continua hoje a repetir: «A paz esteja contigo, que és precioso aos meus olhos. A paz esteja contigo, que és importante para Mim»”, disse Francisco, no passado Domingo, 11 de abril, perante um reduzido número de fiéis, escolhidos entre prisioneiros, refugiados, migrantes, profissionais de saúde e pessoas portadoras de deficiência que vivem na cidade de Roma.

No Domingo II da Páscoa, o Santo Padre sublinhou que, tendo obtido misericórdia, os discípulos tornaram-se misericordiosos. Por isso, Francisco destacou a passagem dos Atos dos Apóstolos em que «ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum» (4, 32) e conclui: “Não é comunismo, mas cristianismo no seu estado puro. E o facto é ainda mais surpreendente, se pensarmos que aqueles mesmos discípulos, pouco tempo antes, litigavam entre si sobre prémios e honras, sobre qual deles era o maior. Agora partilham tudo, têm um só coração e uma só alma”.

Por fim, Francisco convidou cada um a seguir o exemplo dos apóstolos: “Não permaneçamos indiferentes. Não vivamos uma fé a meias, que recebe, mas não dá, que acolhe o dom, mas não se faz dom. Obtivemos misericórdia, tornemo-nos misericordiosos”.

4. O secretário de Estado do Vaticano, cardeal Pietro Parolin, em nome do Papa Francisco, enviou um telegrama de condolências pela morte do príncipe Filipe, marido da rainha Isabel II, que morreu dia 9 de abril, aos 99 anos. “Papa Francisco oferece condolências a Sua Majestade e aos membros da família real, recordando a devoção do príncipe Filipe ao seu casamento e família, distinguindo o serviço público e compromisso com as gerações futuras”, divulgou a Santa Sé. O último encontro entre o Papa e o Duque de Edimburgo aconteceu em abril de 2014, na Casa de Santa Marta.

5. O Papa escreveu uma carta aos participantes no ‘Spring Meeting’ 2021 (Encontros da Primavera), do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, apelando a soluções novas, mais inclusivas e sustentáveis para apoiar a economia real e o bem comum universal. “A noção de recuperação não pode contentar-se com um retorno a um modelo desigual e insustentável de vida económica e social, em que uma pequena minoria da população mundial possui metade de sua riqueza”, escreveu Francisco. Após um ano de pandemia, “muitos países começam agora a consolidar planos individuais de recuperação, mas permanece urgente a necessidade de um plano global que possa criar novas instituições ou regenerar as existentes, sobretudo as que têm vocação global, para construir uma nova rede relações internacionais e promover o desenvolvimento integral de todos os povos”, defendeu.



Filhas da Misericórdia pedem ajuda para a sua missão em Maluku, na RDC

Ilha de bondade

Nos arredores de Kinshasa, a cerca de 70 quilómetros da capital da República Democrática do Congo, numa zona muito empobrecida, fica a casa das Filhas da Misericórdia. Estas Irmãs Franciscanas, que se dedicam ao cuidado de crianças e mães em risco, estão neste país africano apenas desde Setembro de 2019. Desde então, são várias já as jovens que se sentem atraídas pela bondade destas mulheres consagradas e que sonham seguir também os seus passos...

O nome não podia ser mais apropriado. A Casa da Misericórdia das Irmãs Franciscanas está sempre de portas abertas. É uma casa aberta à comunidade, principalmente aos mais necessitados, crianças órfãs, raparigas e jovens em risco, mães em dificuldades. Por ali, todos são bem-vindos e todos sentem-se acolhidos. Em Maluku, na arquidiocese de Kinshasa, na República Democrática do Congo, as Filhas da Misericórdia estão a fazer uma pequena revolução. O amor tem uma infinita capacidade transformadora e estas mulheres consagradas estão a demonstrá-lo a cada dia que passa. A Casa da Misericórdia é muito recente. As Irmãs só se estabeleceram na República Democrática do Congo em Setembro de 2019 e só em Abril de 2020 é que se mudaram para Maluku.

Despojamento total

Foi há precisamente um ano. A nova casa fica situada numa região muito pobre num dos mais pobres países do mundo. A Irmã Alejandrina Ayala explica que a zona de Maluko é uma “grande savana, com uma terra fértil, mas que precisa de ser trabalhada”. Toda a área, acrescenta ainda esta religiosa responsável pela comunidade, “é considerada de extrema pobreza”. A casa das Irmãs fica a cerca de 4 quilómetros de distância da população mais próxima. É uma ilha de bondade no meio quase de nada. A Irmã Alejandrina descreve esse nada. “Não há estradas, caminhos, água ou luz...” As dificuldades de quem vive assim em tão grande despojamento não parecem assustar algumas jovens que souberam do trabalho destas Irmãs Franciscanas e querem imitá-las.

Simplicidade de vida

Duas Irmãs africanas já professaram os seus votos perpétuos, uma outra fez os seus votos temporários e outras

cinco estão apenas agora a começar. Todas se deixaram deslumbrar com o trabalho e a simplicidade de vida das religiosas. O trabalho não falta. As Irmãs são responsáveis pelo acolhimento de crianças órfãs e de crianças de rua, procuram ajudar também as mulheres que vivem nesta região, especialmente as mães solteiras, capacitando-as para os desafios da vida, e tentam ainda desenvolver projectos para a sustentabilidade do trabalho agrícola. Os desafios são imensos e o futuro apresenta-se promissor com tantas jovens a quererem imitar os passos das Filhas da Misericórdia, congregação que nasceu na Croácia em 1920 e que hoje está pre-

sente em 14 países na Europa, África e América Latina.

Contabilidade criativa

O problema é o dia-a-dia. As Irmãs trabalham gratuitamente – o amor não tem preço – e todas as despesas da comunidade são suportadas apenas com a generosidade das populações locais. É uma contabilidade sempre criativa e difícil de fazer e que se tornou agora ainda mais exigente com a implacável crise que o coronavírus levou até aos quatro cantos do mundo. E que também chegou ali, a Maluku, uma zona isolada no meio da grande savana. As Irmãs pedem ajuda à Fundação AIS para poderem continuar com a casa de

portas abertas, servindo estas populações, servindo os mais pobres, os que vivem nas periferias. Os que praticamente nada possuem... “Estamos muito gratas a Deus por nos dar esta oportunidade de servir. Lo nos mais pobres”, diz a Irmã Alejandrina Ayala. Para isso, para continuar com esta missão, as religiosas franciscanas pedem a solidariedade dos benfeitores da Fundação AIS. Uma ajuda que agradecem de coração garantindo a todos, todos os dias, as suas orações.

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000



Em Maluku, na Arquidiocese de Kinshasa, na República Democrática do Congo, as Filhas da Misericórdia estão a fazer uma pequena revolução.

SUGESTÃO CULTURAL

Sobre a Páscoa (Peri Pascha)

O livro 'Sobre a Páscoa (Peri Pascha) - A mais antiga homilia pascal', publica uma homilia do século II sobre a Páscoa. "O conceituado exegeta franciscano Frei Isidro Lamelas oferece-nos aqui uma pequena pérola do tesouro da Tradição Patrística, concretamente, uma Homilia do século II sobre a Páscoa. Esta tradução para português é mais uma pedra do repositório patrístico, na nossa língua, de que o autor tem sido esforçado cultor. O autor da Homilia é o Bispo Melitão da cidade de Sardes, mas o ano em que foi proferida situa-se por volta de finais da década de 160, o que, em termos de cronologia, nos situa às portas da Ressurreição de Jesus. O especial interesse suscitado pelo texto desta Homilia reside no olhar que ela nos transmite sobre a forma como as primeiras comunidades se colocavam perante esse evento fundante da Ressurreição, como o viviam e que sentido e força regeneradora comportava, pois viviam-se tempos de testemunho cristão dado com intensa impregnação de sangue de mártires", refere a sinopse da obra, publicada pela Paulinas Editora.



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO III DA PÁSCOA ANO B

"Vós sois as testemunhas de todas estas coisas."

Lc 24, 48



Testemunhas

pele P. Vítor Gonçalves

Assim se chamam aqueles que, em tribunal, ajudam a vislumbrar a verdade de um acontecimento, de pessoas, de processos. E porque isso implica coragem e compromisso nem sempre é fácil encontrar quem aceite a responsabilidade. Na etimologia cristã diz-se "mártir" e "martírio" de quem dá testemunho de Cristo, e a sua entrega a sofrimentos e à morte, confessando a fé n'Ele. Curiosamente, os apóstolos guardaram essa palavra de Jesus e repetem-na constantemente ao longo dos Actos dos Apóstolos em todos os discursos que fazem, diante de todos os estejam dispostos a escutá-los ou decididos a calá-los. Testemunham Jesus, que sofreu e morreu por todos mas ressuscitou e venceu a morte. Testemunham como é possível entender a Escrituras e que Jesus trouxe a vida em plenitude ao mundo. Testemunham que todos podem acolher Jesus e viver ressuscitados. Eles começaram, e o cortejo estende-se a toda a história com todos os que testemunham a alegria de acreditar em Jesus com palavras e vida!

De testemunhos significantes se constrói a história de cada um de nós e do mundo. Quanta riqueza recebemos de novos e velhos, em tantas situações da vida! Há dias, sem esperar, surgiu-me no écran televisivo no programa "Primeira Pessoa" de Fátima Campos Ferreira a sua entrevista ao actor Ruy de Carvalho (disponível a quem quiser ver na RTP Play). Que encanto de entrevista e que testemunho de vida dado pelo "nosso" enorme Ruy! A minha paixão pelo cinema conduziu-me ao maravilhamento do teatro. Aquele trabalho no arame, desfolhando grandezas e misérias humanas, encarnando pedaços de todos nós, é sublime. Quanto dói saber os sofrimentos que esta pandemia trouxe a todos os artistas e técnicos da arte e do espectáculo, impossibilitados de trabalhar! E Ruy de Carvalho testemunha-o com a vida: *"A arte molda e lima a qualidade espiritual das pessoas. Põe-na afinada. Uma pessoa culta tem muito mais capacidade de perceber o seu semelhante. [...]* Quanto mais cultos

somos, mais simples devemos ser, porque nós nunca sabemos tudo o que é preciso. Mas, o procurar, o procurar, o procurar sempre, sempre melhorar, melhorar, melhorar. Nunca se atinge a perfeição mas atinge-se uma grande qualidade se nós quisermos. [...] Tenho cada vez de ser melhor a fazer o meu trabalho!" E ficam tantas outras palavras luminosas! Testemunhar é, de algum modo, re-presentar. Fazer de novo presente algo e alguém importante. Não como uma falsidade, mas procurando intervir na realidade, aperfeiçoando-a, mostrando-a nos seus múltiplos matizes e pontos de vista, indo ao seu profundo íntimo. Toda a arte está impregnada de representação. E toda a arte revela o artista, que se dá em corpo, música, imagem, cor, na busca do invisível que se revela. Jesus vivo encarna nas nossas vidas, humanas e belas, frágeis e grandiosas, luminosas e escuras, e damos testemunho d'Ele em tudo o que de bom, verdadeiro e belo criamos!

DOMINGO IV DA PÁSCOA – ANO B (25 DE ABRIL)



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	A bondade do Senhor... Aleluia	A. Cartageno	CN 138 / CEC I 154
Ofertório	Eu sou o Bom Pastor	C. Silva	CN 449
Ofertório	Eu tenho o poder de dar a minha vida	A. Cartageno	LHC II 423
Comunhão / Entrada	Ressuscitou o Bom Pastor	M. Luís	CEC I 155
Comunhão	O Cordeiro de Deus é o nosso Pastor	C. Silva	CEC II 121
Pós Comunhão	Glória a Vós, ó Cristo	M. Luís	CAC 272 / NCT 192
Final	Cristo ressuscitou	M. Luís	CN 324 / CAC 265

SIGLAS | CAC - Manuel Luís, *Cânticos da Assembleia Cristã*, Secretariado Nacional de Liturgia | CEC - *Cânticos de Entrada e Comunhão*, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN - *Cantoral Nacional para a Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia - *Serviço Nacional de Música Sacra, Fátima 2019*. | NCT - *Novo Cantemos Todos*, Editorial Missões | OC - Carlos Silva, *Orar Cantando*, Secretariado Nacional de Liturgia | SR - Manuel Luís, *Salmos Responsorais*



Tweets da Semana

“Jesus é o Ressuscitado, o Senhor que passou pela morte para nos pôr a salvo. Mesmo antes de O começarmos a procurar, Ele já está presente ao nosso lado. E à medida que nos erguemos das nossas quedas, Ele faz-nos crescer na fé. #Páscoa”

12 de abril

“A misericórdia se torna concreta, torna-se proximidade, serviço, atenção às pessoas em dificuldade. Desejo que vocês se sintam sempre misericordiosos para, por sua vez, serem misericordiosos.”

11 de abril

Papa Francisco @Pontifex_pt

“A presença do Ressuscitado é um fator absoluto de paz e de pacificação. Estando com Ele, a Sua vitória sobre a morte começa a ser a nossa vitória sobre a morte.”

11 de abril

D. Manuel Clemente @patriarcalisboa



PODCAST

O podcast do Jornal VOZ DA VERDADE, que pode ouvir em <https://leigosquecontam.podbean.com>

Leigos que contam ...

Editorial

DEUS TEM UM SONHO PARA TI

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Quantas vezes paraste para pensar nos teus sins?

Muitas vezes dizemos, quando temos muitas coisas para fazer; quando há muitas solicitações; quando nos encontramos mais sobrecarregados e quase sem tempo para descansar, que não somos capazes de dizer não a nada! Ou então, que é preciso aprender a dizer não! Mas, afinal, porque são os meus sins? Para que servem e para quem são? Se estou centrado em mim, e vivo apenas preocupado com o que faço, na satisfação e no reconhecimento que daí posso obter, então, o meu sim, será, talvez, para mim; mas, se o que faço tem um objetivo maior, como o de resposta a um chamamento que me é feito, como concretização de um projeto de vida que me leva ao encontro do outro, aí o meu sim é para o outro e para Deus. E todos os dias sou chamado a dizer e a renovar esse sim. Na mensagem para a Semana das Vocações (18 a 25 de abril), que este Domingo inicia, o Papa Francisco

recorda que o chamamento divino “impõe sempre a sair, a dar-se, a ir mais além”, mesmo com os riscos que daí possam advir. De facto, o sim implica essa disponibilidade para acolher, saindo de mim próprio, seja para uma vida de matrimónio, laical ou religiosa consagrada. O sim implica o compromisso, e hoje em dia, pelo que vamos vendo, é tão difícil assumir compromissos. A sociedade do consumismo tem muitas ofertas para a uma satisfação pessoal, mas o compromisso implica deixar de lado o que tantas vezes quero ou desejo para mim, para ir ao encontro do que Deus quer. É certo que para

responder a Deus implica ter fé, isto é, acreditar no que é a Sua vontade, assumindo o risco do deixar tudo para O seguir.

“Não há fé sem risco”, lembra o Papa Francisco, sublinhando que “só se abandonando confiadamente à graça, deixando de lado os próprios programas e comodidade, é que se diz verdadeiramente «sim» a Deus. E cada sim produz fruto, porque adere a um desígnio maior”. Olhemos para os sins que damos em cada dia, nas famílias, na vida religiosa, no sacerdócio, na missão de cada um..., e se ainda procuras a resposta, lembra-te que Deus tem um sonho para ti.

“A sociedade do consumismo tem muitas ofertas para a uma satisfação pessoal, mas o compromisso implica deixar de lado o que tantas vezes quero ou desejo para mim, para ir ao encontro do que Deus quer.”

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)